



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16223 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

VIOLÊNCIA, COTIDIANO ESCOLAR E DESEJO MIMÉTICO: UMA LEITURA GIRARDIANA DOS DISCURSOS DE ÓDIO

Davi Fernandes Costa - UNISO - Universidade de Sorocaba

Rodrigo Barchi - UNIVERSIDADE DE SOROCABA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

VIOLÊNCIA, COTIDIANO ESCOLAR E DESEJO MIMÉTICO: UMA LEITURA GIRARDIANA DOS DISCURSOS DE ÓDIO

O interesse no estudo sobre a violência escolar tem, há muito tempo, recebido atenção dos pesquisadores. Entretanto, nos últimos anos, é perceptível para os que vivenciam o cotidiano das escolas que um novo modo de violência surgiu e merece atenção, o medo da possibilidade de massacres.

Este trabalho se insere no contexto de uma pesquisa de doutorado em Educação, ainda em andamento, sobre a obediência e a desobediência nos/dos/com os cotidianos escolares. O recorte selecionado tem como tema a violência na escola, tendo em vista as diferentes formas nas quais ela se apresenta, optou-se pela análise específica da relação entre discurso de ódio e as ameaças de massacre que se espalharam nos últimos anos nas escolas brasileiras. A motivação de pesquisar o tema nasceu a partir da vivência no cotidiano escolar. Foi nesses ambientes que o professor/pesquisador passou a ouvir em diversos recantos e em seus *espaçostempos* (Alves, 2019) a preocupação de educadores e estudantes com relação à ameaça de ataques. Nesse sentido, o assunto pautou diversas reuniões entre educadores e comunidade escolar, justificando a necessidade de ampliação de reflexões sobre a temática.

A escolha metodológica que se propõe é uma análise qualitativa a partir de uma pesquisa bibliográfica, que se relaciona com a vivência do pesquisador, levando em conta seu trabalho como professor no/do/com o cotidiano escolar, ou seja considerando o cotidiano

como um espaço rico para a captura da realidade como demonstraram Ferraço, Soares e Alves (2018). Busca-se aqui problematizar a questão da violência a partir da teoria do mecanismo mimético sacrificial, de René Girard.

Girard (2011, p. 79) explica que o mecanismo mimético é um processo que se inicia a partir do desejo mimético e que posteriormente cria o que chama de rivalidade mimética, conforme a rivalidade aumenta, temos também o aumento da violência. Caso a escalada de violência atinja sua crise máxima, só é solucionada com a escolha de um bode expiatório que levará toda a culpa e será sacrificado pelo bem da comunidade. Esse processo teria se repetido em todas as culturas e continuaria a ser reproduzido em novas roupagens atualmente.

Para explicar o início desse processo – ou seja, o desejo mimético – o autor considera que não há desejo natural ou puro (Girard, 1990, p.183), nosso desejo é sempre pautado pela imitação. Há que se fazer também uma separação entre desejo e apetite. Os apetites, por mais que possam ser influenciados pelo desejo mimético, são necessidades biológicas. Já o desejo “é aquilo que nos torna humanos, aquilo que nos permite romper com apetites habituais e animais, e que constrói nossas identidades próprias, ainda que instáveis” (Girard, 2011, p. 81).

Sendo o desejo, como afirma Girard, mimético, desejamos o que nosso modelo deseja, o que gera a rivalidade. A proximidade com o modelo aumenta a possibilidade de violência. E esse desejo mimético é contagioso, o que torna a violência um fenômeno tão difícil de ser controlado.

Nas escolas, a partir de um certo momento em que as ameaças de ataques foram se tornando constantes, percebeu-se que a simples divulgação desse discurso de ódio fazia com que outras pessoas passassem a realizar ameaças ou ataques semelhantes. Dessa forma uma das estratégias utilizadas foi a não divulgação dos autores dos ataques na imprensa.

As ameaças e ataques que foram efetivados, vieram na sequência do que se estabeleceu como retórica do ódio, termo utilizado por Rocha (2023), para definir as práticas dos grupos de extrema direita que assumiram o poder após a eleição presidencial de 2018 vencida por Jair Bolsonaro. Nesse sentido, a retórica do ódio seria “além de uma iníqua pedagogia de desumanização do outro, um modelo exitoso de negócio” (Rocha, p. 41), tendo em vista o engajamento que conseguiram nas redes sociais por meio dos discursos de ódio e ataques às instituições democráticas, entre elas a escola.

No cotidiano das escolas, como educadores, víamos proliferar a partir desses discursos os símbolos nazistas e fascistas rabiscados nas mesas e paredes. Também sentíamos os estudantes (em especial os meninos) encantados com esse modelo de discurso machista, homofóbico e violento. Víamos um fascínio por esse discurso.

Partindo da teoria girardiana, podemos dizer que se desejamos o que nosso modelo deseja, quando nosso modelo é abertamente violento em suas palavras e atitudes, passamos a

nos aproximar de uma crise de violência. Ora, se o que presenciamos nos últimos anos no Brasil foi um discurso pró-armas, anticientífico, que colocou educadores, cientistas, ecologistas, entre outros como grupos a serem exterminados, não é de se estranhar que esses ataques tenham esses alvos.

Sendo a violência mimética, isso nos coloca em uma posição de alerta ainda maior com relação aos modelos que temos enquanto representantes. Se não podemos afirmar que os discursos de ódio proferidos e validados nos últimos anos pelos representantes da extrema direita foram responsáveis pelo novo tipo de violência que vivenciamos nas escolas, nossa pesquisa busca compreender a influência que esses discursos tiveram nesses atos, tão presentes nos últimos tempos nos cotidianos escolares.

Palavras-chave: Cotidiano escolar; desejo mimético; discurso de ódio; violência.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. *Práticas Pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. São Paulo: Cortez, 2019.

FERRAÇO, C. E.; SOARES, M. C. S.; ALVES, N. *Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

GIRARD, R. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

_____. *Evolução e conversão*. São Paulo: É Realizações, 2011.

ROCHA, J. C. *Bolsonarismo: Da guerra cultural ao terrorismo doméstico: Retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.